

AEEL – 082/17
Rio de Janeiro, 22 de setembro de 2017.

Ao
G1 Portal de Notícias
via email
cartas@oglobo.com.br

Ref: ENTREVISTA DO MINISTRO DE MINAS E ENERGIA FERNANDO COELHO FILHO, EM NOVA YORK, DIVULGADA PELO PORTAL G1 EM 19.09.17

A Associação dos Empregados da Eletrobras - AEEL e os sindicatos da Base-Rio de Janeiro, filiados à Federação Nacional dos Urbanitários – FNU, na intenção de tornar compreensível para a sociedade, cujas informações prestadas por este veículo de comunicação influencia e instrui, qual é a lógica aplicada às declarações do Ministro de Minas e Energia, Fernando Coelho Filho, em entrevista concedida em Nova Iorque.

De certo trata-se de uma lógica muito própria desse senhor, e que é muito conveniente aos seus propósitos a frente do ministério. Será entendida apenas por alguns “privilegiados”. Para os simples mortais, diretamente prejudicados com a proposta de privatização da Eletrobras, no entanto, a lógica é outra, senão, vejamos:

Estudos já mostraram que os ativos da Eletrobras, a maior empresa de energia elétrica da América Latina, vale mais de R\$300 bilhões. Com a privatização você perde duas vezes.

Ou seja, você perde de um lado e não ganha pelo outro. A privatização da Eletrobras fará com que os novos sócios da empresa (como a 3G Capital e outros grandes grupos privados) sejam os principais beneficiados do processo de privatização e de alteração do modelo do setor elétrico, enquanto nós, consumidores residenciais, arcamos com o aumento do preço da energia elétrica.

Quem vai pagar a conta desse aumento do valor de mercado da Eletrobras é você.

Além de ser prejudicado com o aumento do preço da energia elétrica, você ainda deixa de ganhar, pois abriu mão de um ativo que se valorizou.

Por isso é importante percebermos que o Ministro de Minas e Energia não está querendo agradar a população brasileira quando fala que nós temos em nossas mão ativos que, em outras condições, determinadas pelo governo, valeriam 3 vezes mais. Ele quer agradar aos “investidores” de Nova York, ao grande capital e a mídia por ele



Associação dos
Empregados da Eletrobrás

representada. E, assim, tenta vender que a privatização da Eletrobras seria um bom negócio. Mas bom negócio para quem?

Além de um péssimo negócio, vender a Eletrobras significa deixar a gestão da nossa água e de nossa energia submetida exclusivamente à lógica de maximização dos lucros das empresas, perdendo assim seu caráter de serviço público essencial.

A privatização e o aumento de preços dela decorrente são apenas os primeiros sintomas desse movimento de transformação da energia elétrica de um bem público em um bem de acesso restrito as classes privilegiadas e também da perda de capacidade do Estado para desenvolver tecnologias e levar energia elétrica onde for preciso.

A frase do inexperiente Ministro de Minas e Energia, que deve ter aprendido muito a teoria dos livros da faculdade, deixa claro que ele não se importa de entregar a preço de banana o patrimônio brasileiro e também não compreende os impactos de médio e longo prazo da privatização da Eletrobras para a soberania nacional e para o crescimento e desenvolvimento da economia brasileira.

Infelizmente temos um MME que ao invés de cuidar dos interesses da sociedade, como ente público e responsável pelos interesses da nação, está empenhado em viabilizar negócios que beneficiem o mercado.

A simbiose entre o MME e a 3GRadar é grande, basta conferir a atuação do secretário executivo Paulo Pedrosa em dobradinha com o Senhor Pedro Batista, sócio Fundador e Chefe de Análise de 3GRadar, em reunião realizada 21/08/2017 no Coinfra da CNI.

No referido evento o Sr. Pedro disse que as medidas propostas pelo MME apontam na direção certa; que no caso da Eletrobras, onde o custo resultante de alocações "erradas" monta a R\$ 228 bilhões - segundo avaliação da 3G; perguntou o que poderia levar à redução do custo de capital, e ele mesmo respondeu que a mais poderosa seria a transparência, regulação e redução da presença estatal no setor. O senhor Paulo Pedrosa concordou (anuiu) completamente com as palavras do sócio da 3G radar.

Interpretando os desejos do Sócio Fundador da 3G radar:

1. Transparência: deve ser total desde que as informações estratégicas cheguem antecipadamente à 3G e ele tenha completo acesso aos planos do governo federal sobre o setor e a Eletrobras;
2. Regulação: É boa desde que seja utilizada para aumentar tarifa; que não considere modicidade tarifária; que transforme energia em mercadoria; que seja dócil com o agente privado; que não se importe com o consumidor;



*Associação dos
Empregados da Eletrobras*

3. Redução da presença estatal no setor: que o governo privatize a Eletrobras à preço de banana e com tarifas elevadas; que autorize a descotização das usinas da Eletrobras para que as receitas sejam triplicadas e o lucro fácil seja garantido e aconteça rapidamente;

Para a 3G radar e os atuais membros do MME, a Eletrobras só é atrativa se houver descotização e aumento das tarifas, questões como qualidade dos serviços e preços justos ao consumidor e segurança energética não vem ao caso.

Finalizando de maneira simples, analisando apenas a proposta do Ministro de Minas e Energia, fica a pergunta: qual a lógica de vender por 20 algo que amanhã pode valer 90?

Não precisa ser economista para entender que esse seria um péssimo negócio.

Mas péssimo para quem?

A diretoria



Avenida Presidente Vargas – nº 509 – 22º andar – Centro/RJ

Tel./Fax: (21) 3553-3501 / 3553-3502

site: www.aeel.org.br / e-mail: aeel@aeel.org.br

